

APRESENTAÇÃO

Ivete Alves do Sacramento

As colaborações contidas nesse número, intitulado Portais do Sertão, são expressivas da linha editorial, assumida ao longo desses quatro anos, que tem procurado divulgar as contribuições de pesquisas relativas ao ciclo canudiano, promovendo simultaneamente avaliações conjunturais do semi-árido baiano. Os artigos ora publicados continuam seguindo as orientações de procurar atender as áreas temáticas de conhecimento, comunicação, literatura, arqueologia, sociologia, turismo, antropologia, história e desenvolvimento sustentável, em suas relações múltiplas.

Com um novo projeto gráfico, Canudos prossegue ademais refletindo os esforços de interação do CEEC com os departamentos da UNEB e com Universidades nacionais e internacionais, constituindo uma importante rede de investigação sobre o ciclo canudiano enquanto fonte de compreensão da identidade brasileira. Símbolo de uma integração profícua entre professores e estudantes, na busca dos índices de uma natureza da brasilidade, a Revista Canudos vai abrindo espaços cada vez mais vastos para as discussões sobre as formas de resistência e determinação de populações nativas, ameaçadas por interesses políticos alienígenas. A Revista efetiva, acima de tudo, o diálogo entre uma rede universitária de pesquisa e as comunidades sertanejas, através da Universidade do Estado da Bahia.

Luis Paulo Neiva inicia os trabalhos analisando o padrão subjacente à performance do DNOCS, uma agência federal, na gestão de um projeto de irrigação com o Açude Cocorobó, por meio da teoria do desenvolvimento local sustentável. Com efeito, observações em torno do desenvolvimento vinculado aos projetos de suprimento de água ganham importância à medida que direcionam reflexões para a redução da miséria, em áreas tradicionalmente negligenciadas pelos governos.

Não existem mais dúvidas de que *Os Sertões* é uma obra fundadora do ciclo canudiano e de que a campanha e a guerra só ganharam vida histórica, a nível nacional e internacional, graças à narrativa euclidiana. O jornalista escritor enfatizou imediatamente a necessidade dos diferentes tipos de brasileiros se conhecerem em suas diferentes idiossincrasias e de observarem, no interiorano anacrônico, as marcas de um Brasil Profundo, exibindo os erros e acertos de 400 anos de colonização.

Nessa perspectiva, se desdobra um bloco literário, apto a evidenciar o caráter polifônico e revelador da epopéia euclidiana. Zélia Roelofse-Campbell empreende uma análise semiótica para indicar como *Os sertões* constitui a fonte fundamental de documentação sobre Canudos, um hipotexto, para o escritor Vargas Llosa em *A guerra do fim do mundo*. Mas, com a técnica da valorização, o escritor peruano aumenta o valor simbólico de Conselheiro, imbuído de um discurso coerente e significativo, enquanto que Euclides o difama. Já Viviane Milward de Azevedo toma como base de análise a obra deste último, demonstrando a mudança do projeto de escrita de um jornalista que acaba por produzir um texto artístico, espelhando as tensões entre o sentido e o indizível. A autora avalia Euclides da Cunha como o poeta do conflito.

Ainda sob a égide dos debates acerca das influências desse texto artístico na definição de uma pátria brasileira, Berthold Zilly aponta para o fato de o ideal de bandeirante do escritor o levar a uma travessia espacial e discursiva que faz aflorar uma sùmula da nacionalidade. A viagem ao sertão é inclusive comparada à expedição do capitão Marlow ao âmago da selva no Congo belga, em *Heart of Darkness* de Joseph Conrad; duas incursões a espaços pré-civilizatórios revelando as contradições dos fanatismos da civilização moderna.

No âmbito das discussões sobre a dinâmica intertextual da narrativa euclidiana, dois artigos merecem destaque, no que tange à política de inserção dos pesquisadores júniores no CEEC. Pode *Os Sertões* gerar um paradigma de Relações Públicas para os movimentos sociais? testemunha os resultados do

primeiro ano de estudo de três alunas do Programa de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) do CNPq, enquanto que Turismo Cultural em Canudos, uma forma de desenvolvimento sustentável ilustra o trabalho de Aline Joyce do Programa de Iniciação Científica (PICIN) da UNEB, ambos contidos no Projeto Sertões, coordenado pela professora Licia Soares de Souza. O primeiro aborda as interligações da literatura e da comunicação, através de métodos semióticos, pondo em relevo os mecanismos de formação de uma opinião pública coletiva ou nacional, como o narrador ia definindo, favorável à Quarta Expedição. Nessas interligações, as autoras demonstram como uma função histórica auxilia a construção de um paradigma comunicacional para os movimentos sociais. O segundo explora as potencialidades poéticas, narrativas e informativas do texto enciclopédico de Euclides para a composição de um paradigma de turismo cultural ancorado na sustentabilidade da região.

Coroando o bloco literário, encontra-se o capítulo inédito do romance Quinta Expedição, de Oleone Coelho Fontes, a ser lançado pela Vozes nas comemorações do centenário da primeira edição de Os sertões em 2002. A existência de uma quinta expedição assinala, de todas as maneiras, o tratamento artístico conferido ao fenômeno canudiano, ressaltando as conotações de continuidade e permanência dos acontecimentos no imaginário nacional.

Como estudo histórico, José Carlos Pinheiro questiona sobre o verdadeiro ano de conclusão da velha capela de Santo Antonio de Bello Monte, detalhe crucial para o entendimento da estrutura urbana da outrora segunda cidade da Bahia. Edwin Reesink sublinha o interesse sociológico dos relatos de viagem de um jovem holandês, abordando a força da religião, a calamidade das secas e a pobreza bastante generalizada.

Finalmente, Paulo Zanettini e Erika Robrahn-Gonzalez oferecem os resultados das importantes pesquisas no Projeto de Salvamento emergencial desenvolvido no sítio histórico da fundação de Canudos, que já foram objeto de reportagens na mídia impressa e eletrônica, a nível nacional. Essa pesquisa

arqueológica daqui para diante deverá fornecer conhecimentos primordiais sobre formas de apropriação e organização de um território por populações carentes de recursos naturais e econômicos.

Em síntese, os temas caros e persistentes da busca dos elementos que compõem a identidade brasileira e da formação da nação, retornam neste número através deste campo de investigação infinito que se refere à campanha de Canudos, deixando emergir questões sociais, políticas e culturais, imprescindíveis para a compreensão do modelo de modernidade da sociedade atual, em todas as suas contradições. Sabemos que a guerra fratricida metaforiza, de um lado, o dinamismo de populações carentes e abandonadas na busca de soluções de vida e, de outro lado, a revolta por não terem nem mesmo o direito de encontrar uma forma de auto-organização. Nesse caso, a Revista Canudos resgata uma memória que tem muito a ensinar sobre os problemas ainda contemporâneos de seca, miséria e escravidão física e simbólica.

